

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A INAUGURAÇÃO DO MUSEU E DA SEDE DA FUNDAÇÃO "CALOUSTE GULBENKIAN" EM LISBOA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1969 | Número: 79

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, A Inauguração do Museu e da Sede da Fundação "Calouste Gulbenkian" em Lisboa. *Revista de Guimarães*, 79 (3-4) Jul.-Dez. 1969, p. 291-298.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A inauguração do Museu e da Sede da Fundação «Calouste Gulbenkian» em Lisboa

Nos dias 2 e 3 de Outubro do ano corrente foram realizadas em Lisboa várias cerimónias promovidas pela Fundação Calouste Gulbenkian, que se revestiram de excepcional importância, tanto sob o ponto de vista nacional como internacional: — a inauguração dos edifícios da Sede e do Museu de Arte daquela Fundação, construídos no extenso Parque da Avenida de Berne.

Tamanho relevo assumiram essas cerimónias, a que tivemos a honra de assistir, como convidado em representação da Sociedade Martins Sarmento, que não devemos deixar de inserir no órgão literário da nossa Instituição algumas notas, ainda que sumárias, do que foram e do brilhantismo que tiveram esses actos inaugurais, bem como do significado social e cultural que atingiram.

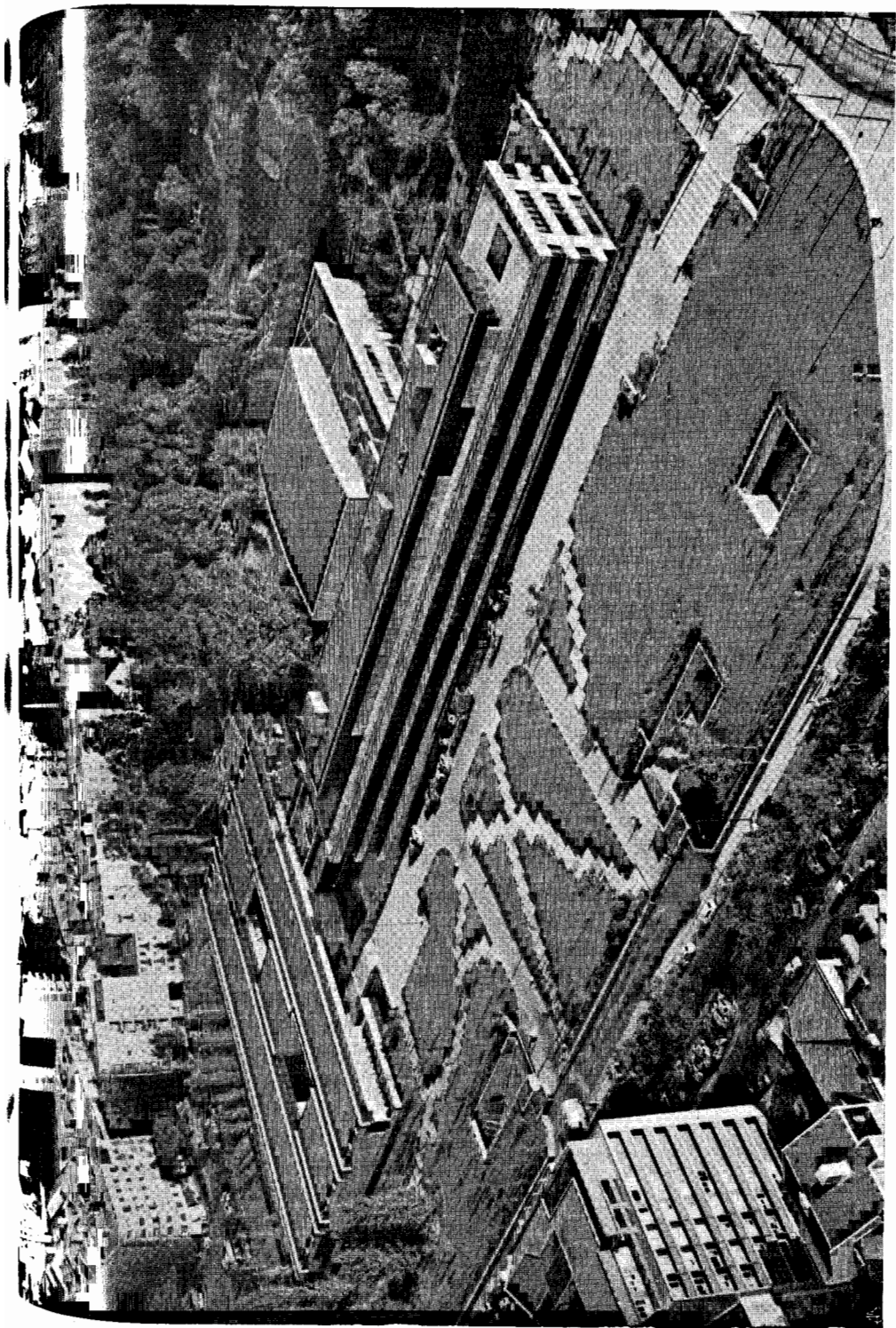
A Fundação Gulbenkian foi instituída em Portugal por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, homem de negócios ligado principalmente à indústria do petróleo, nascido em Scutari, Istambul, em 29 de Março de 1869, e possuidor de abastados meios de fortuna. Vindo para Lisboa em Abril de 1942, aqui fixou definitivamente a sua residência, e nesta cidade faleceu em 20 de Julho de 1955, com a avançada idade de 86 anos.

Este homem, inteligente e culto, de invulgar sensibilidade e grande amador e conhecedor de assuntos de Arte, empregou largas quantias da sua enorme riqueza na aquisição de muitas e variadas obras-primas procedentes dos mais diversos lugares do mundo, com as quais formou uma valiosíssima Colecção de pinturas, esculturas, peças de mobiliário, tapeçarias, exemplares raros de numismática, cerâmica, ourivesaria, etc.

Todas essas admiráveis e seleccionadas obras de Arte coleccionadas por Gulbenkian, que inicialmente as tinha recolhido nas duas casas que possuía, uma no Quai d'Orsay, em Paris, e outra em Hyde Park Gardens, de Londres, conservando algumas delas ainda em depósitos nos próprios estabelecimentos dos antiquários onde as havia comprado, foram transferidas pelo seu possuidor para o palacete que, em 1923, adquirira na Avenida de Iena, em Paris, que assim ficou transformado num autêntico museu. Contudo, esse conjunto magnífico foi tomando tal vulto, aumentado com novos espécimes, que, por não caber já naquele palacete, Calouste Gulbenkian se viu na necessidade, desde 1936 a 39, de confiar, a título precário, uma grande parte de pinturas escolhidas entre as mais notáveis que possuía, à National Gallery de Londres, e de obras de Arte egípcia ao British Museum da mesma cidade. Também já durante os anos de 1930 a 36 vinha emprestando com frequência numerosos objectos das suas colecções, como faianças, encadernações preciosas, pinturas e esculturas, medalhas, jóias, tecidos, miniaturas, etc., para figurarem em exposições temporárias que, nesse lapso de tempo, se realizaram em França e na Inglaterra.

Em 1950, oito anos volvidos após a sua vinda para Lisboa, e seguidamente no decorrer de 1951-52, doou ao nosso Museu de Arte Antiga, então dirigido pelo eminente crítico de Arte Dr. João Couto, algumas das obras que tinha em França, no palacete da Avenida de Iena. Anteriormente a esta dádiva ao nosso país, durante o período decorrido de 1948 a 1950, havia transferido a maior parte das obras que emprestara, como dissemos, ao British Museum e à National Gallery, para a América do Norte, depositando-as na National Gallery of Art, de Washington. Deste modo, à data do falecimento de Calouste Gulbenkian, em 1955, a sua enorme Coleção constituída pelos mais variados espécimes encontrava-se parte naquele Museu americano, parte em Paris na sua casa da Avenida de Iena e parte em Londres, à excepção de mais alguns preciosos objectos que havia depositado na caixa-forte de um banco de Lisboa.

Em Junho de 1953, Gulbenkian lavrava o seu testamento definitivo, segundo o qual determinava que fosse constituída na capital do nosso país uma Fundação com fins caritativos, artísticos, educacionais e científicos,



e esta ficasse herdeira do remanescente de toda a sua fortuna, incluindo as colecções de Arte, que seriam transferidas para Portugal e reunidas num Museu a criar em Lisboa.

Removidas algumas dificuldades, que surgiram por motivo da transferência para Portugal dessa extraordinária riqueza artística, todos os objectos que constituíam a Colecção Gulbenkian deram entrada no nosso país. Dos que se encontravam em Washington e em Londres não houve obstáculos à sua saída daqueles países; apenas por parte da França se levantaram problemas de carácter jurídico, quanto à sua exportação para Portugal, devido às disposições legais que naquele país se opõem à saída para o estrangeiro de obras de interesse histórico ou artístico, que por qualquer circunstância ali se encontrem radicadas. Essas dificuldades foram porém vencidas, e o nosso grandioso Museu de Arte «Calouste Gulbenkian», cujo valor o coloca a par dos mais importantes museus do mundo, pôde finalmente ser agora inaugurado, no dia 2 de Outubro do ano corrente.

Descrita assim, em linhas sumariíssimas, com elementos colhidos na excelente obra do Dr. José de Azeredo Perdigão, há pouco publicada, sobre «*Calouste Gulbenkian Coleccionador*» a história da criação deste Museu e da instituição em Portugal da Fundação Gulbenkian, à qual o nosso país já tantos e tão relevantes serviços deve, quer no âmbito da benemerência pública, quer no da protecção às Artes plásticas, no do desenvolvimento da investigação, no da musicologia, no contributo para a expansão da instrução e da educação através da distribuição de bolsas de estudo e facultando aos estudantes edições de manuais universitários, criando centros de Economia Agrária, de Cálculo Científico, de Investigação Pedagógica, de Biologia, de Economia e Finanças, fomentando e protegendo instituições do nosso Ultramar, subsidiando obras de «Utilidade Pública», etc. — resta-nos aludir, embora também sumariamente, às solenidades da inauguração das grandiosas instalações definitivas da importante Fundação, a cujo Conselho de Administração dignamente preside o Senhor Prof. Doutor Azeredo Perdigão.

O magnífico programa dessas solenidades, que foi rigorosamente cumprido, constou dos seguintes actos, a que assistiram convidados em número superior a um milhar.

No dia 2, pelas 10,30 horas, tiveram início as cerimónias com uma Sessão Solene realizada no Grande Auditório, à qual presidiu o Chefe do Estado, ladeado por diversas entidades, entre as quais o Presidente do Conselho de Ministros, Prof. Doutor Marcelo Caetano; o Doutor José de Azeredo Perdigão, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian; os Ministros da Educação Nacional, Dr. José Hermano Saraiva, e dos Negócios Estrangeiros, Dr. Franco Nogueira; membros do Conselho Administrativo da Fundação, Embaixadores Teotónio Pereira e Marcelo Matias; Professores Ferrer Correia e Leite Pinto; Lord Clark, antigo Director da National Gallery de Londres; John Walker, antigo Director da National Gallery of Art de Washington; René de Montaigu, Membro do Conselho Económico e Social de França, e outras pessoas de elevada categoria social. Em cadeira destacada, o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o Presidente da Fundação, que traçou o perfil intelectual e moral de Calouste Gulbenkian e historiou largamente a criação do organismo a cujo Conselho de Administração preside, seguindo-se-lhe os Srs. Lord Clark, John Walker e René Montaigu enaltecendo as qualidades de Calouste Gulbenkian, com quem todos haviam privado de perto. Encerrou a Sessão o Senhor Presidente da República com as palavras solenes que na íntegra transcrevemos:

«Deveu-se à segunda Grande Guerra a vinda para Portugal de Calouste Gulbenkian. Fugido do inferno em que se transformara parte da Europa, encontrou em Lisboa o oásis de paz completa, que tanto o cativou e fez ficar. Aqui viveu quase sempre a última quadra da sua longa vida de batalhador incansável e de colecionador de rara sensibilidade; daqui dirigiu a vastidão dos seus negócios; aqui fez, em Junho de 1953, o seu último testamento, pelo qual criou com sede em Lisboa uma Fundação, portuguesa e perpétua, com as mais nobres finalidades; e aqui morreu em 1955, vão passados já 14 anos.

Em diversas oportunidades tenho realçado a estatura invulgar atingida por Calouste Gulbenkian e agradecido,

à sua memória, o profundo amor que o prendeu à terra portuguesa. Muitos benefícios se deparam já a quem percorre o nosso país, demonstrativos das grandes benemerências devidas a tão grande amigo de Portugal. Mas é consolador



Inauguração das instalações da Fundação Calouste Gulbenkian. Na Mesa de Honra o Chefe do Estado pronuncia o seu discurso, no encerramento da Sessão Solene.

(Gentileza da fotogr. pela Fundação C. G.)

poder acrescentar que a memória desse grande homem não mais se esbaterá nesta terra, pois está bem presente em toda a parte onde as benemerências chegaram, a mostrar, mais uma vez, que o povo português não é um povo ingrato.

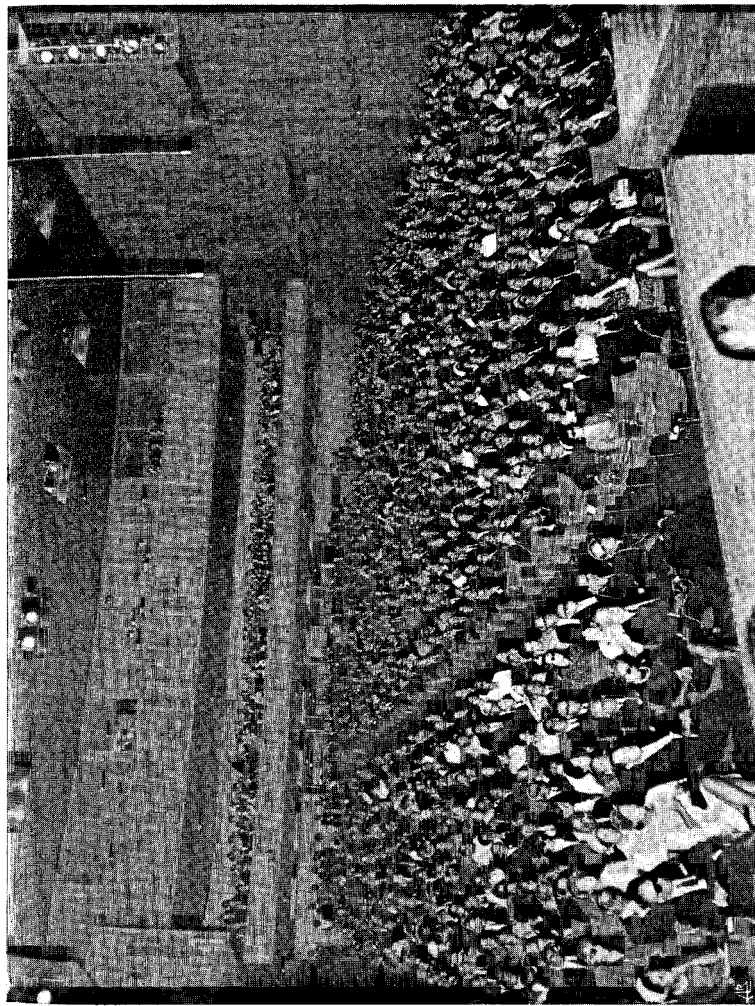
Acerca de Calouste Gulbenkian disse há pouco o Sr. Presidente da Fundação ter ele vivido bem e morrido melhor. Considero a síntese perfeita, pois se ele pôde gozar, nas breves pausas da sua luta quase permanente, os prazeres que a acumulação de vultosos bens materiais lhe proporcionou,

soube também, antes de desprender-se da vida, antegozar os prazeres, não menores certamente, que derivariam dos benefícios que os seus semelhantes iriam auferir da parte maior da enorme fortuna que tão laboriosamente conseguira reunir. Já tenho afirmado que vale a pena ser rico quando se tem sempre presente no pensamento a obrigação de tornar menos pobres os pobres. E Calouste Gulbenkian constituiu um exemplo bem consolador de como tal pensamento esteve sempre presente na sua consciência, a mostrar felizmente que nem sempre os negócios e os interesses conseguem embotar as almas dos poderosos.

Neste ano de 1969 completou-se o 1.º Centenário do nascimento de Calouste Gulbenkian. Ao longo do ano tem a sua Fundação procurado e conseguido comemorar, com o maior realce, esse primeiro centenário, mas é evidente que entre todas as comemorações avultam as que hoje se realizam e em que se procede à inauguração da sede, do museu, da biblioteca e das demais instalações culturais. Um conjunto admirável, que tive já o prazer de visitar demoradamente há poucos meses, numa antevisão do que agora vou admirar mais completamente. Um conjunto quase sem par no mundo que, honrando a memória do homem que o possibilitou, honra todos os que para ele contibuíram, desde aquele que o sonhou ao mais modesto dos executantes. Um conjunto afinal que honra ainda, e não pouco, a cidade de Lisboa.

Para terminar, apenas mais algumas palavras que são devidas aos dois executores do testamento de Calouste Gulbenkian — o Sr. Dr. José de Azeredo Perdigão e o Sr. Kevork Essayan. Foram ambos artífices de um trabalho de grandes proporções e de muita complexidade, que realizaram com notável proficiência, muita dedicação e completo respeito pelas disposições de que foram executores. Neste ano e nesta cerimónia, não os devia esquecer o Chefe do Estado e por isso vai colocar no peito de cada um deles a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique, com o que dará por encerrada esta soleníssima Sessão».

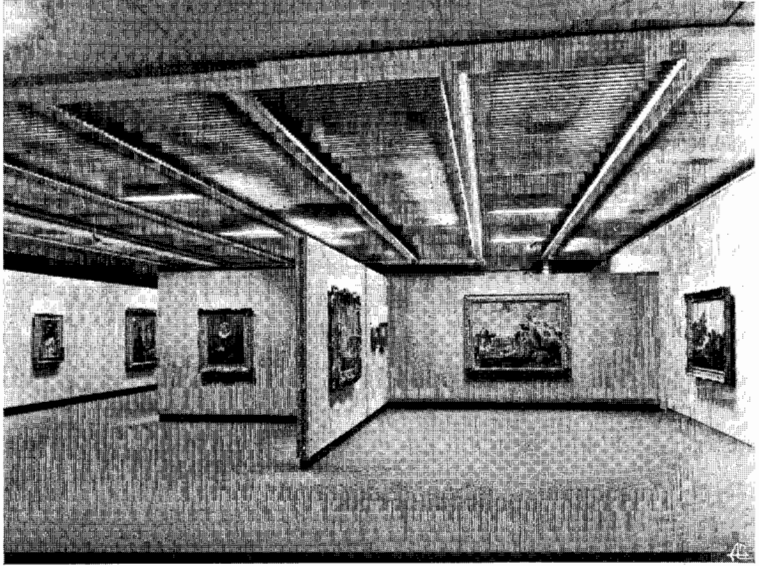
Seguiu-se a visita aos edifícios da Sede e do grandioso Museu, em cujo átrio se lê, em letras de bronze, numa das



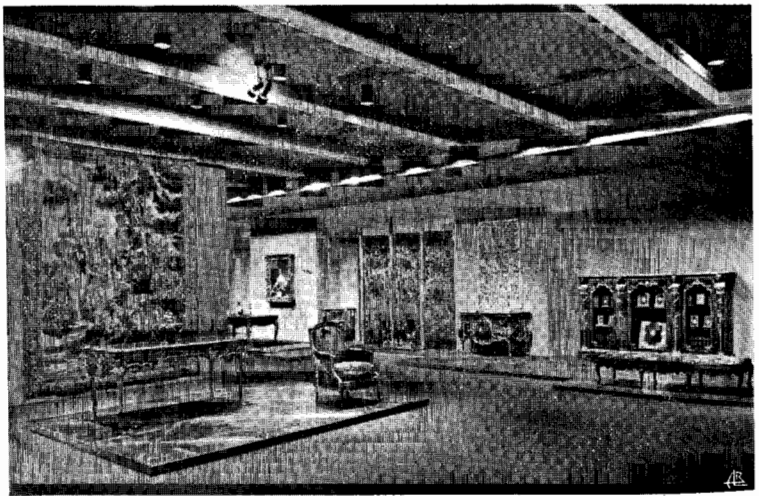
Inauguração das instalações da Fundação Calouste Gulbenkian.

No Grande Auditório os convidados assistem à Sessão Solene.

(Gentileza da oferta desta fotografia pela Fundação C. G.)



*Museu Calouste Gulbenkian
Sala de Pintura do séc. XVII*



*Museu Calouste Gulbenkian
Sala de Artes decorativas francesas (Séc. XVIII)
(Gentileza das fotogr. pela Fundação C. G.)*

paredes, esta legenda extraída de uma carta de Calouste Gulbenkian para John Walker:

«TENHO PLENA CONSCIÊNCIA DE QUE É TEMPO DE TOMAR UMA DECISÃO SOBRE O FUTURO DAS MINHAS OBRAS DE ARTE • POSSO DIZER, SEM RECEIO DE EXAGERO, QUE AS CONSIDERO COMO «FILHAS» E QUE O SEU BEM-ESTAR É UMA DAS PREOCUPAÇÕES QUE ME DOMINAM • REPRESENTAM CINCOENTA OU SESENTA ANOS DA MINHA VIDA, AO LONGO DOS QUAIS AS REUNI, POR VEZES COM INÚMERAS DIFICULDADES, MAS SEMPRE GUIADO PELO MEU GOSTO PESSOAL • É CERTO QUE, COMO TODO O COLECCIONADOR, PROCUREI ACONSELHAR-ME, MAS SINTO QUE ELAS SÃO MINHAS DE ALMA E CORAÇÃO»

A planta geral do grupo de edifícios compreende o grande bloco da sede, com seis pisos, dois dos quais em parte subterrâneos; no terceiro, ficam a entrada e o átrio principais, a Sala de Honra e os Serviços de Informação do público; o 4.º e 5.º pisos são ocupados pelos diversos Serviços da Administração; e no 6.º ficam o restaurante e zonas de convívio. Do lado nascente fica o bloco constituído pelos edifícios do Museu e da Biblioteca. Entre este bloco e o constituído pela Sede há uma extensa Galeria destinada a Exposições temporárias; do lado sul ergue-se o grande Auditório com lotação para 1.315 lugares, e no parque o Anfiteatro ao ar livre, com cerca de 1.200 lugares. São estas as edificações principais, nas quais se integram muitas outras dependências destinadas a variados Serviços anexos.

O Museu, que dispõe de numerosas e amplas salas, contém as obras de Arte das diversas colecções, seleccionadas em dois grandes agrupamentos, com as seguintes Secções: *I Grupo*. Secções de Arte egípcia; Arte grega e Romana, com uma Subsecção de Numismática; Arte da Mesopotâmia; do Oriente Islâmico e do Extremo Oriente. *II Grupo*. Arte Europeia, constituída pelas Secções de Arte da Idade Média até ao Século XVII; Artes decorativas da Renascença; Pintura e Artes decorativas francesas do Século XVIII; Pintura e Escultura europeias dos Séculos XVIII e XIX; e Secção de Ourivesaria.

Todas estas Secções abrangem uma enorme variedade de espécies das mais diversas modalidades artísticas, reunidas com singular mestria pelo extraordinário colecionador que foi Gulbenkian, desde as cerâmicas, as porcelanas, os vidros e os azulejos, à numismática e à medalhística; desde os livros de encadernação artística, aos pergaminhos iluminados e às estampas raras; dos tecidos às tapeçarias; do mobiliário à indumentária; das lacas e dos marfins aos bronzes e às formosas jóias da autoria de Lalique. Na Secção de Pintura destacam-se obras-primas de Boucher, de Fragonard, de Quentin de la Tour, o famoso Pintor desse estupendo retrato a pastel de «Duval de l'Épinoy», que, na opinião do grande especialista crítico de Arte John Walker, é talvez «o mais notável pastel de todo o mundo»; obras de Watteau, de Boudin, Corot, Degas, Fantin-Latour, Manet, Claude Monet, Renoir, Gainsborough, Rommney, Lawrence, de Rembrandt, de Rubens, Turner, Francesco Guardi, etc. Esculturas magníficas de Carpeaux, Dalou, Janniot, o «Bourgeois de Calais» de Rodin, a formosíssima «Diana» de Houdon.

Temos assim em Lisboa mais um esplêndido Museu de Arte, do qual, a par do Museu Nacional de Arte Antiga, nos podemos orgulhar, por ombrearem com os mais famosos museus do mundo, se não em quantidade de espécies, pelo menos em sua qualidade e raridade.

Terminada a visita após demorado percurso através das salas do monumental conjunto de edifícios, foi servido um almoço a todos os convidados, oferecido pelo Conselho de Administração da Fundação. Às 22 horas deste primeiro dia comemorativo, houve ainda uma brilhante recepção no Palácio das Necessidades, oferecida pelo Ex.^{mo} Ministro dos Negócios Estrangeiros, Doutor Franco Nogueira e por sua Ex.^{ma} Esposa.

Finalmente, no dia 3, realizou-se, às 21,30 horas, no Grande Auditório da Fundação, um Concerto coral-sinfónico, a que se dignou assistir o Chefe do Estado. E, com este último acto solene, foram encerradas as comemorações da Inauguração da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian.

M. C.